



FACULDADE UNIÃO DE GOYAZES CIÊNCIAS BIOLÓGICAS - LICENCIATURA

**AVALIAÇÃO DA PERCEPÇÃO DE ALUNOS E PROFESSORES SOBRE A
IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE EDUCAÇÃO SEXUAL**

Kaique Vinicius Ferreira Trindade

Nyanne Kelen Batista Tomé

Orientadora: Profa. Dra. Susy Ricardo Lemes Pontes

Trindade – GO

2020

FACULDADE UNIÃO DE GOYAZES

**AVALIAÇÃO DA PERCEPÇÃO DE ALUNOS E PROFESSORES SOBRE A
IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE EDUCAÇÃO SEXUAL**

Kaique Vinicius Ferreira Trindade Nayanne Kelen Batista Tomé

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade União de
Goyazes como requisito para obtenção
do título de Licenciatura em Ciências
Biológicas.**

Orientadora: Profa. Dra. Susy Ricardo Lemes Pontes

Trindade–GO
2020

Kaique Vinicius Ferreira Trindade

Nayanne Kelen Batista Tomé

**AVALIAÇÃO DA PERCEPÇÃO DE ALUNOS E PROFESSORES SOBRE A
IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE EDUCAÇÃO SEXUAL**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade União de
Goyazes como requisito para obtenção do
título de Licenciatura em Ciências
Biológicas, aprovado pela seguinte banca
examinadora:

Orientadora: Profa. Dra. Susy Ricardo Lemes Pontes
Faculdade União de Goyazes

Prof. Me Manoel Eloy de Oliveira
Faculdade União de Goyazes

Profa. Me. Patrícia Lima D'abadia
Universidade Estadual de Goiás

Trindade - GO

16/12/2020

AGRADECIMENTOS

Agradecemos primeiramente a Deus pelo dom da vida e por ter nos proporcionado chegar até aqui. A nossa família por toda a dedicação e paciência contribuindo diretamente para que nós pudéssemos trilhar nosso caminho rumo à conclusão da graduação e conseqüentemente à realização profissional.

Agradecemos também aos professores que sempre estiveram dispostos a ajudar e contribuir para um melhor aprendizado, em especial aos nossos professores e orientadores, Profa. Dra. Susy Pontes, Profa. Dra. Kezia Delmond e Prof. Me. Osmar Santos.

Agradecemos também aos nossos amigos e colegas que fizeram parte da nossa trajetória e por último, agradecemos ao nosso coordenador de Curso, Prof. Me. Nilton Carlos do Valle, e a Faculdade União de Goyazes por nos dar a chance e todas as ferramentas necessárias para a conclusão desta etapa.

*“As nuvens mudam sempre de posição,
mas são sempre nuvens no céu. Assim
devemos ser todo dia, mutantes, porém
leais com o que pensamos e sonhamos;
lembre-se, tudo se desmancha no ar,
menos os pensamentos”.*

(Paulo Beleki)

AVALIAÇÃO DA PERCEPÇÃO DE ALUNOS E PROFESSORES SOBRE A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE EDUCAÇÃO SEXUAL

Kaique Vinicius Ferreira Trindade¹
Nayanne Kelen Batista Tomé¹
Profa. Dra. Susy Ricardo Lemes Pontes²

RESUMO

INTRODUÇÃO: Os adolescentes têm despertado sua curiosidade quanto à sexualidade cada vez mais cedo, estando expostos a consequências como ISTs, gravidez precoce, e outros. **OBJETIVOS:** Analisar as percepções dos alunos e professores de um colégio estadual da cidade de Inhumas - GO sobre educação sexual. **METODOLOGIA:** foram aplicados questionários de forma online através da plataforma *GOOGLE FORMS*, apresentando perguntas objetivas relacionadas a intimidade em que o aluno tem de falar com seus pais e professores sobre sexo e sexualidade. **RESULTADOS:** Do total de 135 alunos participantes, 62% declararam não sentir liberdade para expressar dúvidas sobre educação sexual com seus pais e professores. Quanto aos 14 professores participantes deste estudo, 92,9 % declararam não possuir experiência curricular sobre educação sexual. **CONCLUSÃO:** De modo geral, tanto alunos quanto professores do colégio compreendem a importância e necessária que a educação sexual no ambiente escolar.

PALAVRAS-CHAVES: Adolescência. Educação sexual. Escola. Sexualidade.

EVALUATION OF THE PERCEPTION OF STUDENTS AND TEACHERS ON THE IMPORTANCE OF SEXUAL EDUCATION TEACHING

ABSTRACT

INTRODUCTION: Discussing sexuality, both at school and in any other medium, has always been taboo. Adolescents have aroused their curiosity about sexuality at an earlier age, being exposed to consequences such as STIs, early pregnancy. **OBJECTIVES:** to analyze the perceptions of sex education students and teachers at a state school in the city of Inhumas - GO. **METHODOLOGY:** questionnaires were applied online through the *GOOGLE FORMS* platform, presenting objective questions related to the intimacy in which the student has to talk with his parents and teachers about sex and sexuality. **RESULTS:** Of the total of 135 participating students, 62% declared that they did not feel free to express doubts about sex education with their parents and teachers relations.. **CONCLUSION:** In general, both students and teachers of the college understand the importance and necessary that sex education in the school environment.

¹ Acadêmicos do curso de licenciatura em Ciências Biológicas da Faculdade União de Goyazes

² Orientadora: Profa. Dra. da Faculdade União de Goyazes

KEYWORDS: Adolescence. Sex education. Sexuality.

INTRODUÇÃO

A educação sexual e sexualidade é um direito que possibilita que o jovem tenha acesso ao conhecimento de seu próprio corpo e sexualidade, é ter autonomia e sabedoria para discernir o que acha certo ou errado dentro dos valores e moral da sociedade. O ensino da educação sexual traz a oportunidade de desmistificar tabus, quebrar preconceitos e discriminações, deixando aberto ao jovem a construção da sua própria sexualidade e valores, o permitindo fazer escolhas, sobre a prevenção de gravidez, abusos sexuais e infecções sexualmente transmissíveis, sendo os mesmos os próprios autores de sua vida sexual (FIGUEIRÓ, 2007).

A educação sexual está presente nas escolas desde 1928, como forma controladora e inibidora da sexualidade, sendo estabelecida pelos valores morais e éticos e manipulada pela igreja até o ano de 1950 (BORGES; MEYER, 2008; NARDI; QUARTIERO, 2012). Ainda nessa década, diálogos a respeito da educação sexual eram em geral repressivos e estagnados nos dogmas da moral religiosa, mantidos o propósito higiênico das estratégias de saúde pública para o combate de doenças venéreas (FIGUEIRÓ, 2010; SFAIR; BITTAR; LOPES, 2015).

Desde a evolução dos debates políticos a respeito da educação sexual, e com forte participação dos movimentos feministas na época, a sexualidade passou a ser discutida para algo além de um fator biológico, mas sim uma aliada da saúde física, mental e emocional (SFAIR; BITTAR; LOPES, 2015; TAQUETTE, 2013).

Nos anos de 1960 a 1970 a educação sexual reacendeu com enfoque na problemática social pelos direitos das mulheres. E entrou em vigor logo após o surto da infecção pelo vírus HIV entre a população jovem da década de 1980. Dessa forma, a educação sexual foi direcionada para métodos preventivos contra as Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) (BRASIL, 1997; NARDI; QUARTIERO, 2012).

No Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) é estabelecido que toda criança e adolescente tem o direito de informação relacionada a saúde sexual e reprodutiva, como forma de prevenção a ISTs, gravidez prematura e abuso sexual, sendo que esses temas já haviam sido previamente abordados em vários programas, documentos e políticas públicas (BRASIL, 2006).

No ano de 1996, foi aprovada a terceira e a última Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) que deu origem aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) onde foi decretado a necessidade de trabalhar educação sexual nas cartilhas e planos de ensino. Dois anos mais tarde, em 1998, foi criado pelo Ministério da Educação e do Desporto (MEC) e pela Secretaria de Educação Fundamental, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Este documento estabeleceu que a criança deve ser instruída com conteúdo de como explorar e entender as funcionalidades seu corpo, como forma de autoconhecimento (BRASIL, 1998).

É necessário entender que a educação sexual é uma ferramenta de construção pessoal, social e moral capaz de instruir crianças e adolescentes nas mudanças de comportamento e ações em suas vidas sexuais, onde é primordial e relevante observar de que forma essa temática é abordada nas escolas (FIGUEIRÓ, 2010).

Os adolescentes têm despertado sua curiosidade quanto à sexualidade cada vez mais cedo, com isso o número de relações sexuais nessa faixa etária tem crescido o que evidencia a importância de se abordar a temática da sexualidade nas escolas (BORGES *et al.*, 2016). Para tanto, a educação sexual deve estar relacionada com a construção social e pessoal do aluno e a escola tem um papel importante nessa trajetória, com o objetivo de formar um cidadão ético capaz de fazer suas próprias escolhas com segurança e sabedoria, quanto a relacionamentos, sexo saudável e a reprodução (ZOMPERO *et al.*, 2018).

No âmbito escolar, a melhor abordagem para se trabalhar o ensino da educação sexual é por meio do diálogo aberto, sem julgar o aluno de forma que ele se sinta confiante e acolhido, sendo essa a melhor opção de se ter uma relação de respeito e confiança (SARMENTO *et al.*, 2018).

Cabe ressaltar que a sexualidade abrange no indivíduo, as dimensões psicossociais, as emoções, os sentimentos, além das formas de falar, agir, andar e vestir. Também, abrange a sedução, a conquista e o prazer (FIGUEIRÓ, 2006). Portanto, a sexualidade é um fragmento da identidade de todo indivíduo que se constrói durante o processo de socialização e nesse sentido, a escola junto as famílias, mídias e igrejas compõe um dos fatores, que contribui para a construção sexual do ser humano, uma vez que representam espaço propício para a interação

social, tem um papel primordial para discussões sobre sexualidade e formação ética dos estudantes (ZAPIAN, 2002).

Destarte, a educação sexual, que ainda é tabu na sociedade, precisa ser inserida no cotidiano da construção do indivíduo como ser social e biológico, a começar dentro de casa, no convívio com a família e se estender durante sua vida escolar. A sexualidade precisa ser debatida para que dúvidas sejam sanadas no sentido de preparar pais, escola e educadores para esse processo. É indiscutível que quando a escola e os professores contam com a contribuição das famílias no processo de construção e formação da criança e do adolescente, seu papel vai além de transmitir conhecimentos, mas possibilita novas práticas, autonomia, respeito, gerando assim contribuições sociais e humanas na vida do indivíduo (VALIM et al., 2015; ALVES, 2018).

Reconhecendo-se ainda a educação sexual como ferramenta de transformação social capaz de somar com mudanças de comportamento e de normas em relação à sexualidade, é de suma importância que a análise acerca da forma sobre a qual essa temática vem sendo trabalhada nas escolas (FIGUEIRÓ, 2010). Diante do exposto, esse estudo tem por objetivo avaliar a percepção de alunos e professores sobre a importância do ensino da educação sexual em colégios.

METODOLOGIA

Delineamento do estudo

O presente estudo consiste em uma pesquisa transversal que foi desenvolvida através de abordagem quantitativa.

População de estudo

A pesquisa foi realizada no Colégio Estadual Ary Ribeiro Valadão Filho, localizado no município de Inhumas - GO. Os participantes foram os alunos do ensino médio, 1º, 2º e 3º ano e professores. Devido a pandemia da COVID-19 e a incerteza quanto ao retorno das aulas presenciais, os alunos e o professor foram

abordados por e-mail ou aplicativo *WhatsApp* convidados a participar da pesquisa através da leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Aspectos éticos

Este estudo respeitou as bases e descrições éticas da Resolução CNS nº 466/2012 e a coleta de dados ocorreram após a devida aprovação da pesquisa no comitê de ética da Faculdade União de Goyazes, sob parecer de número 4.350.894 (Anexos).

Para a realização deste projeto, inicialmente foi obtida autorização da direção do Colégio Estadual Ary Ribeiro Valadão Filho. O preenchimento dos questionários por parte dos alunos foi realizado com o consentimento dos pais e voluntariedade dos mesmos.

Cálculo amostral

Para o cálculo amostral foi considerado o perfil da amostra, com seleção aleatória simples, considerando o total de alunos do ensino médio matriculados no colégio ($N=149$), o tamanho da amostra calculado com uma margem de erro de 5% para mais ou para menos com intervalo de confiança de 95%. O tamanho amostral calculado foi de 149 alunos, realizado com o auxílio da calculadora Amostral online *Solvis*, como demonstrado na tabela abaixo:

Tabela 1 - Tamanho da amostra para a frequência da população do ensino médio da escola.

Tamanho da população (para o fator de 149
correção da população finita ou fcp) (N):

Frequência % hipotética do fator do 50%+/-5
resultado na população (p):

Limites de confiança como % de 5%

100(absoluto +/-%) (d):

Efeito de desenho (para inquéritos em 1 grupo-EDFF):

Tamanho da Amostra (n) Para Vários Níveis de Confiança	
Intervalo de confiança (%)	Tamanho da amostra
80%	79
90%	97
95%	108
99%	122

Coleta de dados

Inicialmente os alunos e professores foram informados, online, sobre o objetivo e riscos da pesquisa mediante o TCLE disponibilizado online, consentindo ou não sua participação. Considerando que a Organização Mundial de Saúde (OMS) define adolescência como sendo o período da vida que começa aos 10 anos e termina aos 19 anos, completos para menores de idade, os pais ou responsáveis assinaram o TCLE autorizando a participação do aluno para tal faixa etária nesta pesquisa.

Os dados foram obtidos por meio de questionários online através da plataforma *GOOGLE FORMS*, os quais foram desenvolvidos pelos autores da pesquisa. Os preenchimentos dos questionários ocorreram sem a interferência dos pesquisadores salvo para orientações solicitadas pelos participantes quando apresentaram dificuldade. Os questionários contavam com questões relacionadas à vivência dos participantes visando à busca de informações, com a proposta de reflexão sobre a temática, abordando diversas premissas sobre a educação sexual com os alunos e professores.

Critérios de inclusão e exclusão

Foram incluídos alunos do ensino médio, baseando-se na fase em que estes vivenciam de novas descobertas, busca constante por informações e vulnerabilidade. Todos os professores foram incluídos na pesquisa, pois devem atuar juntamente com os pais para que o ensino da educação sexual cumpra seu papel,

acrescentar na vida dos adolescentes conhecimento, habilidades e valores éticos para fazer escolhas saudáveis e respeitáveis sobre os relacionamentos, o sexo e a reprodução, abordando a sexualidade em seus aspectos biológicos, culturais e social. Foram excluídos do estudo os participantes que não assinaram o TCLE, os alunos do ensino médio que não tiveram o consentimento dos pais para participação e aqueles que apresentaram dificuldades de acesso à internet e uso de tecnologias.

Análises de dados

Os dados quantitativos obtidos foram analisados na plataforma *Google Forms* e demonstrados através de gráficos e tabelas, organizados no software Excel 2016, onde foram dispostos valores da frequência absoluta e percentual.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Um total de 149 componentes do Colégio Ary Ribeiro Valadão Filho participaram do estudo, sendo 135 alunos e 14 professores, de todas as áreas de ensino, sendo 1 professor de biologia. Através da aplicação de questionários foi observado que os alunos entrevistados possuem idade de 15 a 21 anos, sendo a idade predominante de 16 anos (36,2% dos alunos), sendo a maioria dos alunos representados do sexo feminino 62,9% (n= 85). Os professores por sua vez, apresentaram idades entre 35 e 52 anos. Acerca da série dos alunos participantes foi constatado que 54% (n=73) eram do 3º ano, 28,8% (n=39) pertencente ao 1º ano e 17,0% (n=23) do 2º ano (Tabelas 1 e 2).

Tabela 1 - Indicadores sociais dos alunos participantes do estudo.

IDADE	N	%
15 anos	21	15,5%
16 anos	49	36,2%
17 anos	35	29,9%

18 anos	20	14,8%
19 anos	6	4,4%
20 anos	3	2,2%
21 anos	1	0,7%

SEXO	N	%
Masculino	50	37,1%
Feminino	85	62,9%

SÉRIE	N	%
1º ano	39	28,8%
2º ano	23	17,0%
3º ano	73	54,0%

Tabela 2 - Indicadores sociais dos professores participantes do estudo.

IDADE	N	%
30 á 35 anos	2	14,3
35 á 40 anos	6	42,9
40 á 45 anos	3	21,4
45 á 50 anos	2	14,3
50 á 55 anos	1	7,1

SEXO	N	%
Masculino	4	28,6
Feminino	10	71,4

Na tabela 3 é apresentada as respostas dos alunos sobre a importância da educação sexual nas escolas, liberdade e confiança para tratar esse assunto com os pais e professores e seus conhecimentos sobre educação sexual em geral e ISTs.

Tabela 3 – Frequência e percentual das respostas dos alunos quanto ao questionário aplicado pelos pesquisadores.

Perguntas para alunos	Sim	Não
Espero pelo melhor estado de humor dos meus professores para falar sobre assuntos relacionados com o tema da sexualidade	87,5%	12,5%
Espero que os meus professores estejam mais livres e disponíveis para falar sobre assuntos relacionados com o tema da sexualidade.	93,4%	6,6%
Comparo-me com os outros jovens da minha idade, quando quero explicar aos meus professores alguns dos meus comportamentos na relação amorosa.	46,3 %	53,7
Quando quero falar sobre sexualidade, posso contar com um professor.	53,7%	46,3%
Sou capaz de pedir ajuda aos meus professores ou pais perante um problema relacionado com minha vida sexual ou sexualidade	59,6%	40,4%
Compartilho minhas experiências sexuais com os meus pais	79,4%	20,6%
Em caso de sofrer um abuso sexual sinto-me confortável para contar para meus pais ou professor	69,9%	30,1%
Concordo que a escola é um lugar propício para trabalhar sobre educação sexual	87,5%	12,5%

Observa-se que quando desejam falar sobre sexualidade, 46,3% não se sentem confortáveis em falar sobre esse tema com o professor. Contudo, nota-se que 87,5% dos alunos concordam que na escola é propício falar sobre educação sexual.

Tais achados corroboram com o estudo de Carvalho et al. (2014), onde em entrevista com 600 alunos do ensino médio de escolas da zona centro de Portugal, observaram que os adolescentes não se sentiam confortáveis para falar sobre

educação sexual e sexualidade abertamente com os professores, constatando-se que os professores não abriam espaço para discutir esse tema em sala de aula. Segundo os autores, os adolescentes usam algumas vezes ou mesmo quase nunca algumas estratégias e competências de comunicação com seus professores, recorrendo pouco aos docentes para partilhar receios e inseguranças, bem como para procurar apoio emocional quando passam por algum problema ou desilusão amorosa.

Em estudo de Fonseca, Gomes e Teixeira (2010) realizado com 15 adolescentes na sala do Serviço de Orientação Educacional de uma escola do interior do Rio Grande do Sul, todos os adolescentes entrevistados concordavam que a escola era o local ideal para realização de projetos de orientação sexual, pois além de proporcionar um ambiente acolhedor, os alunos se sentiam à vontade por estarem entre colegas de convívio cotidiano.

De acordo com Figueiró (2009), a educação sexual diz respeito ao direito de toda pessoa de adquirir informações sobre o corpo, a sexualidade e o relacionamento sexual e assim obter a oportunidade para expressar seus sentimentos, rever seus tabus, e assim estar preparado para refletir e debater sendo capaz de construir sua própria opinião e valores sobre tudo que é ligado ao sexo.

Portanto, a temática deve ser trabalhada nas escolas sem limitar estratégias de ensino, sendo aplicada em todas as dimensões a fim de possibilitar o indivíduo a vivê-la de forma consciente e segura.

Quando questionados sobre o compartilhar de experiências sexuais com os pais, 79,4% dos alunos declararam não compartilhar tais experiências. Segundo Sousa et al. (2006), o diálogo entre pais e adolescentes é muito restrito, sem abertura a discussão de questões pessoais e íntimas. Para os autores, a dificuldade em procurar os pais para esclarecer dúvidas sobre assuntos relacionados à sexualidade está vinculada ao sentimento de medo ao ser inibido, estando assim, o adolescente diante de julgamentos e preconceitos, deixando de buscar informações para sanar suas dúvidas. Além disso, alguns pais diante da crença de que a conversa sobre sexo pode induzir o filho a praticá-lo, procuram também não falar sobre o assunto.

Na Figura 1 observa-se que 62% dos alunos que responderam ao questionário não expõem suas dúvidas sobre a sexualidade com professores e pais,

inferindo que existe um distanciamento íntimo e social entre eles no que se refere ao diálogo sobre sexo e sexualidade, pois não há compartilhamento de suas experiências sexuais.

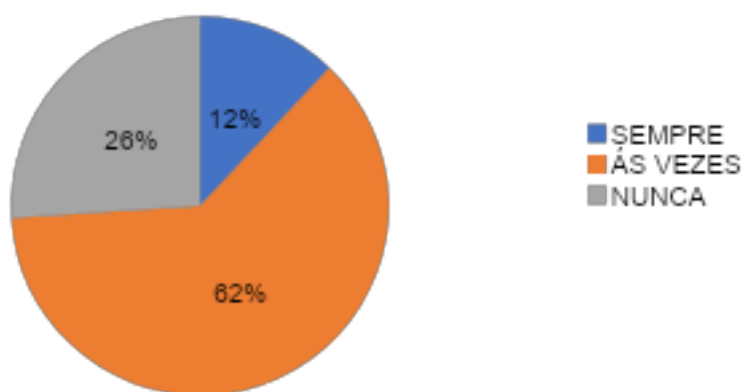


Figura 1 – Frequência com que os alunos tiram suas dúvidas sobre sexualidade com professores ou pais.

Resultados semelhantes foram constatados no estudo de Savegnago e Arpini (2013), que em entrevista sobre sexualidade com meninas foi observado que as crianças e adolescentes não estabelecem conversa sobre o tema com seus pais e professores com frequência e em alguns casos esse diálogo é inexistente. Segundo as autoras, a conversa sobre sexo e sexualidade sempre é deixada de lado ou para outra hora, nunca dialogada como deveria.

Nessa mesma visão Trindade e Brunstiram (1999) discorrem que, o “não dialogar”, desse modo, facilita a exposição de adolescentes a situações de riscos relacionados ao exercício da sexualidade, como gravidez indesejada, contágio de

infecções sexualmente transmissíveis e traumas psicológicos e emocionais resultantes da vivência de uma sexualidade frustrante.

Na Figura 2 é observada a representação do percentual de conhecimento dos alunos sobre ISTs. De modo geral, os resultados foram heterogêneos, onde 42% dos alunos afirmaram conhecer parcialmente sobre tais infecções e 25% muito. Ainda, 16,2% declararam não conhecer sobre as ISTs.

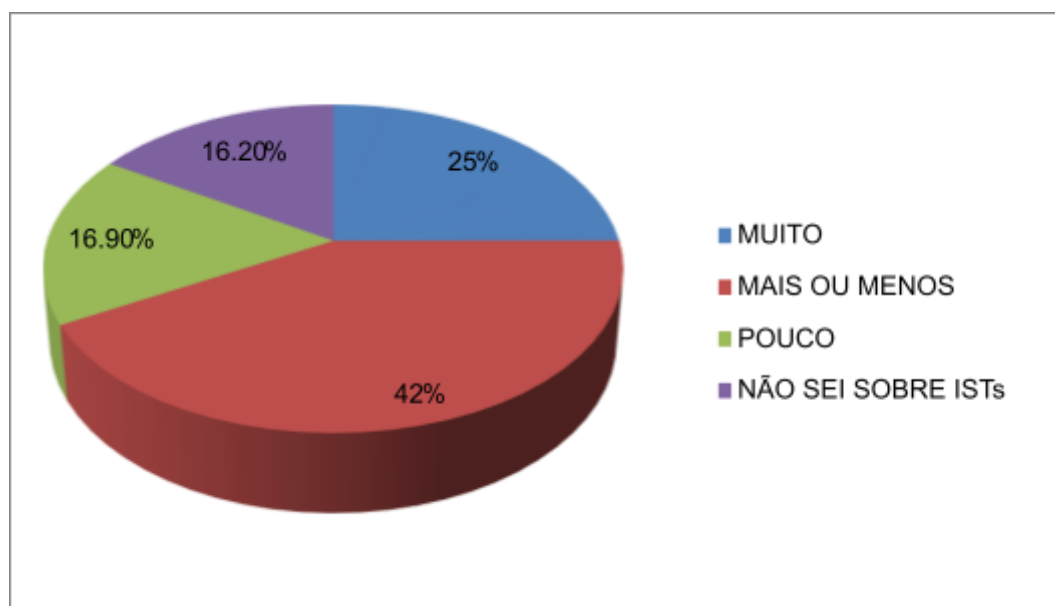


Figura 2 – Frequência observada quanto o nível de conhecimento dos alunos entrevistados sobre ISTs.

Tais resultados apontam a existência de alunos com baixo nível e carência de conhecimentos a respeito das ISTs mostrando o quantos esses jovens podem estar expostos a essas infecções devido à falta de informação, o que evidencia a importância do estudo da educação sexual no ambiente escolar em prol da saúde e bem-estar dos alunos.

Em estudo realizado no estado do Rio Grande do Norte no ano de 2010 com 37 alunos de uma escola da rede pública, após a apresentação de slides sobre ISTs/AIDS, as principais observações com base nas reações dos alunos após algumas imagens terem sido apresentadas foram de medo e aversão. Segundo o estudo, tais reações, por sua vez, estavam ligadas ao fato dos associarem as doenças com a falta de cuidados higiênicos (COSTA et al., 2010).

As ISTs sempre foram um risco para população, em especial para os jovens. Neste estudo, conforme observado, existe total desinformação entre alguns alunos (16,2%) entrevistados, sendo tal dado preocupante. Isso destaca a necessidade de uma melhor abordagem desse assunto nas escolas, com o propósito de levar aos jovens informações seguras, visto que as ISTs afetam a saúde individual e coletiva desses jovens.

Segundo boletim epidemiológico sobre AIDS e ISTs, divulgado em novembro de 2019 pelo Ministério da Saúde, de 2008 a 2018 a taxa de detecção de AIDS entre jovens entre 13 e 19 anos a cada 100.000 habitantes apresentou um aumento significativo, passando de 3,7 em 2008 para 6,0 em 2018, sendo maior no sexo masculino (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2019).

Na Figura 3 é observado que 55,9% dos alunos participantes deste estudo apontaram não usar preservativos em todas as suas relações sexuais.

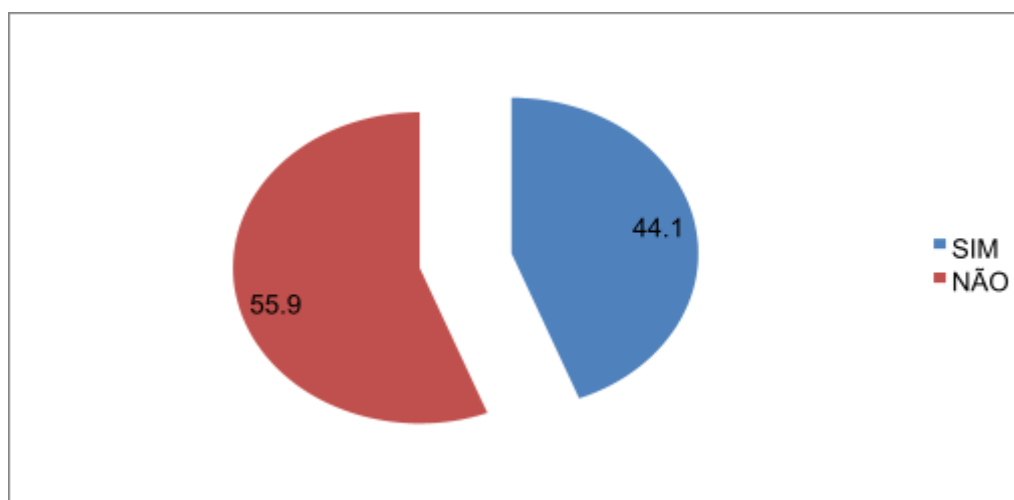


Figura 3 – Frequência com que os alunos entrevistados usam preservativo em suas relações sexuais.

Tais resultados geram um fato preocupante, já que estes jovens podem estar mais expostos a ISTs e a gravidez na adolescência. Segundo Paiva et al. (2011), o uso do preservativo vem sendo bastante negligenciado, já que muito jovens não se preocupam com tal uso, principalmente em garotas onde a camisinha é facilmente substituída por anticoncepcionais, sendo a gravidez a única preocupação, ignorando demais riscos do ato sexual desprotegido. Além disso, o uso do preservativo é determinado não apenas por fatores de ordem individual, mas também sociocultural.

Em estudo realizado em 26 escolas públicas de Minas Gerais, com participação de 1.820 estudantes entre 14 e 20 anos que já haviam iniciado a vida sexual, foi constatado que mais de 30% dos alunos não utilizavam preservativos (VALIM et al., 2015). Segundo pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, em 2015 33,8% dos adolescentes entre 13 e 17 anos com vida sexual ativa não haviam utilizado preservativo em sua última relação. A falta de preocupação, de informação e o descuido dos adolescentes foram considerados os principais fatores para o não uso de preservativos, estando tal uso incumbido especialmente ao sexo masculino, uma vez que o feminino tende a recorrer frequentemente ao uso de anticoncepcionais (IBGE, 2016).

Na Tabela 4 são apresentadas as frequências das respostas dos professores participantes do estudo. Como observado, 78,6% dos participantes afirmaram que o professor tem responsabilidade na educação sexual dos alunos, além disso, 92,9% consideram, respectivamente, que os pais têm o papel de ensinar os filhos sobre educação sexual e que a escola é um local propício para se trabalhar educação sexual, sendo que tal temática deve ser obrigatória nas escolas (85,75).

Tabela 4 – Respostas do questionário aplicadas aos professores.

Perguntas para professores	Sim	Não
Concordo que a sexualidade vai se aprendendo ao longo do tempo e não na escola	71,4%	28,6%
Somente o professor de Biologia tem responsabilidade na educação sexual	0%	100%
A educação sexual deve ser uma das áreas obrigatórias em todas as escolas	85,7%	14,3%
Acredito que devem ser abordados na escola todos os assuntos relacionados a sexualidade	64,3%	35,7%
É papel dos pais ensinarem sobre educação sexual e não somente da escola	92,9%	7,1%
Hoje em dia com toda informação que passa nas revistas e na televisão, a educação sexual na escola se torna pouco necessária	7,1%	92,9%
Todos os professores têm responsabilidades na educação sexual dos alunos	78,6%	21,4%

Tenho experiência curricular em educação sexual	92,9%	7,1%
Acredita é necessário se falar sobre aborto e masturbação em sala de aula	78,6%	21,4%
Sinto-me mais seguro (a) em falar sobre anatomia e fisiologia do aparelho reprodutor	64,3%	35,7%
Já participou de capacitação na escola ou fora da escola sobre educação sexual	21,4%	78,6%
Quando algum aluno me procura para dúvidas ou opiniões estou sempre disposto a ouvi-lo e ajudá-lo de alguma forma	100%	0%
Concordo que a escola é um lugar propício para trabalhar educação sexual	92,9%	7,1%

De acordo com Figueiró (2007), a família é o espelho do aluno, é essencial seu papel em educar sexualmente seus filhos, afinal os pais carregam em sua trajetória de vivência valores morais e compreensão sobre a sexualidade que são assim transmitidos, mesmo às vezes não sabendo como abordar o assunto a maioria prefere omitir, confiando que os professores cumpram seu papel, afinal acreditam que é função da escola, educar sexualmente, sendo ela responsável pela formação integral do aluno, seja ela intelectual, social ou afetiva.

Neste estudo, quanto à visão dos professores, trabalhar educação sexual em sala de aula é um desafio visto que a maioria (78,6%) deles se sente despreparada e insegura para trabalhar tal tema com os alunos. Nas respostas observadas, apenas o professor de Biologia afirmou se sentir apto e confortável para trabalhar este tema com seus alunos.

A figura abaixo demonstra que 78% dos professores afirmam se sentir inseguros em trabalhar educação sexual com os alunos.

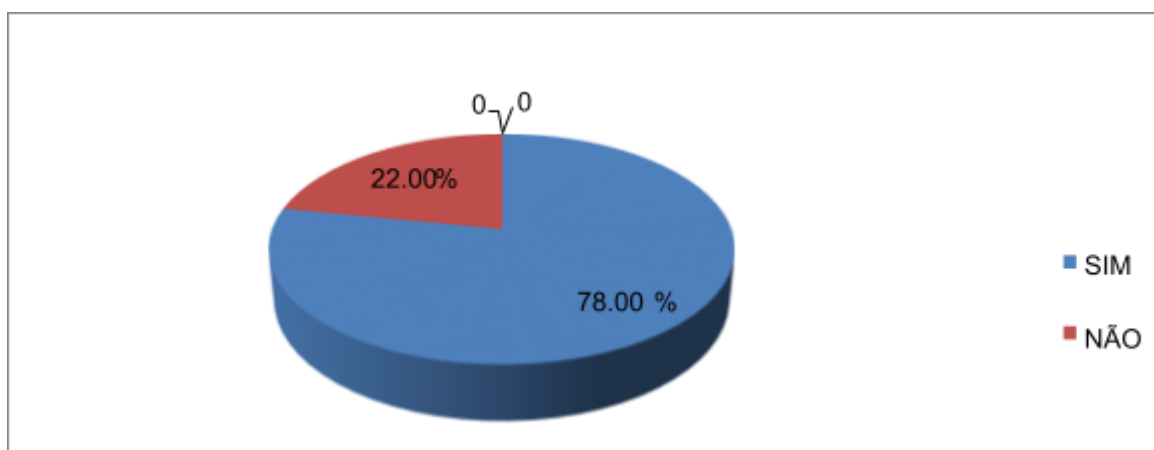


Figura 4 – Frequência das respostas dos professores quanto à insegurança em trabalhar todos os assuntos relacionados a temática em sala de aula.

Na Figura 5 é observada a frequência com que é trabalhada a educação sexual em sala pelos professores. Observa-se maioria deles, 57,1% nunca trabalhou o tema em sala de aula.

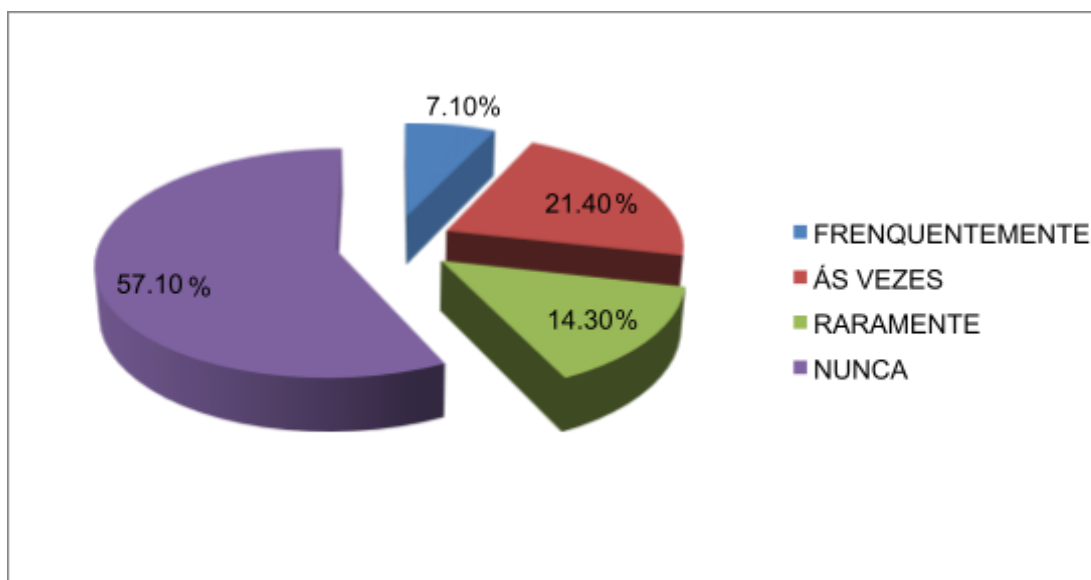


Figura 5 – Frequência com que os professores desenvolvem palestras, debates ou eventos em relação a educação sexual.

Tais achados corroboram com o estudo de Quirino e Rocha (2012), realizado em uma escola pública do estado do Ceará, com 17 professores efetivos e 21 temporários, onde a maioria dos professores concordavam com a importância em

trabalhar temas sobre a educação sexual nas escolas, porém os mesmos não desenvolviam por se sentirem despreparados e não estarem capacitados para aplicar o contexto da educação sexual.

Neste estudo, conforme descrito na Tabela 2, 92,9% dos professores afirmou não ter experiência curricular sobre a educação sexual. Contudo, observa-se, que mesmo diante do reconhecimento dos professores sobre a necessidade em se trabalhar a educação sexual com os alunos, tais professores apresentam insegurança para colocar em prática o trabalho dessa temática, visto que a maioria deles nunca trabalhou o tema com seus alunos. Além disso, é possível inferir que os professores entrevistados podem estar restringindo o ensino da educação sexual, pois apesar de todos afirmaram estar sempre dispostos a ouvir e ajudar o aluno de alguma forma quando os procuram, foi observado que metade dos alunos entrevistados não contam com o professor para falar sobre sexualidade.

Em pesquisa realizada por Biancon (2005), em escolas públicas do ensino fundamental no município de Londrina (PR), professores entrevistados declararam sentir medos e dificuldades sobre a abordagem da educação sexual, além da dificuldade em desenvolver conteúdos sobre a sexualidade, diante da falta de estratégia pedagógica, dificuldades recorrentes por interferência de religião ou crenças quanto a temática e a não realização de atividades relativas a educação sexual por receio da negação dos pais dos alunos, devido aos tabus e preconceitos quanto a abordagem dessa temática, sendo este último também observado no estudo de Gava e Villela (2016) em escolas do estado de São Paulo.

A partir dessa perspectiva, a sexualidade não pode permanecer como assunto restrito das ciências biológicas, valorizando os aspectos físicos e os hábitos saudáveis, em um discurso essencialista. Não se pode tratá-la ao nível do senso comum, expondo concepções superficiais e pessoais como verdadeiras, acabadas, adotando seus valores como universais, enfim, abordando a sexualidade de maneira simplista, primária e, sobretudo, empírica (JARDIM; BRÊTAS, 2006).

Em contra partida ao presente estudo, um projeto realizado no Ceará no ano de 2009 onde se avaliou a percepção dos professores sobre educação sexual no ambiente escolar, revelou que os professores tinham reconhecimento de suas limitações conceituais, demonstrando sensibilidade para problematizar a discussão, admitindo ainda a necessidade de se especializar e se capacitar para trabalhar o

tema com os alunos, a fim de ajudar e sanar as curiosidades corriqueiras do dia a dia (QUIRINO; ROCHA, 2012).

Cabe salientar que os professores e as famílias possuem admiráveis papéis na formação dos jovens cidadãos, em que a escola é um importante espaço para o desenvolvimento de um programa de educação para a saúde e para a vida entre crianças e adolescentes, pois, por meio da discussão da temática sexualidade e de seus desdobramentos, podem-se motivar reflexões individuais e coletivas que possam contribuir para a minimização de ações discriminatórias e preconceituosas (JARDIM; BRÊTAS, 2006).

Como observado neste estudo, projetos, debates, mesas redondas ou outro qualquer meio de propagação de conhecimento a respeito do tema é pouquíssimo abordado. No entender de Egypto (2003), muitos profissionais educadores junto a escola, pensam que para tratar sobre educação sexual é necessário a presença de um psicólogo, médico ou especialista, por vezes, bastando fazer uma palestras ou mesmo realizar a semana das ISTs, mesas redonda sobre sexo e sexualidade, tratando, de modo geral, assuntos a respeito da educação sexual entre outros. De fato, são eventos que leva informação, mas quando se trata de educação sexual é necessário que seja algo mais amplo e elaborado, ou seja que tenha um planejamento, apoio da família e que aconteça de forma contínua e natural.

CONCLUSÃO

De acordo com o objetivo proposto e os resultados detectados neste estudo, conclui-se que, de modo geral, tanto alunos quanto professores do Colégio Estadual Ary Ribeiro Valadão Filho da cidade de Inhumas- GO entendem a importância de se trabalhar a educação sexual em âmbito escolar, tanto na transmissão de informação e conhecimento quanto na construção mental, sexual e moral do indivíduo. No que permeia a relação entre pais e filhos, evidenciou que a maioria dos alunos responderam não se sentirem a vontade ou terem vergonha de compartilhar suas experiências sexuais e dúvidas com os professores. Além disso, um dado preocupante foi o não uso de preservativos entre mais da metade dos adolescentes que responderam ao questionário, bem como o fato de que mesmo os alunos

apresentando em sua grade curricular as ISTs como conteúdo obrigatório, a maioria não sabe acerca desse tema.

Infere-se que a falta de diálogos e debate com os pais e professores têm prejudicado os alunos pela carência de informações a respeito das ISTs, sendo imprescindível ampliar as discussões e trabalho da educação sexual nas escolas e nas famílias, em diferentes faixas etárias e níveis de ensino. Para tanto, todos os professores, não apenas os de biologia devem procurar informações e preparo para levar a educação sexual para dentro das salas de aula, já que essa tarefa acaba sendo incumbida para os discentes, uma vez que a educação sexual é pouco tratada ou até mesmo ignorada pelos pais, para preservar e manter a saúde do aluno e prepará-lo para uma vida sexual responsável e consciente.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, H. Educação sexual em uma escola: da reprodução à prevenção. **Cadernos de Pesquisa**, v. 39, n. 136, p. 175-200, 2009.

ALVES, A.N. Práticas discursivas sobre a sexualidade na escola: identidade em desconstrução. **Linguagem & Ensino**, v. 21, p. 349-366, 2018.

BIANCON, M. L. A educação sexual na escola e as tendências da prática pedagógica dos professores. 2005. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

BORGES, A.V., et al. ERICA: início da vida sexual e contracepção em adolescentes brasileiros. **Revista de Saúde Pública**, v. 50, n. 15, p. 1-11, 2016.

BORGES, Z. N.; MEYER, D. E. Limites e possibilidades de uma ação educativa na redução da vulnerabilidade à violência e à homofobia. **Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação**, v. 16, n. 58, p. 59-76, 2008.

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Seção 1.

BRASIL. Ministério da Saúde. Boletim epidemiológico: AID/Aids. Brasília, DF, 2019. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2019/boletim-epidemiologico-de-hivaids-2019> Acesso em 1 dez. 2020.

BRASIL. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos de ensino fundamental. Secretaria de Educação Fundamental, Brasília, DF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro102.pdf> Acesso em: out. 2017.

CARVALHO, C. *et al.* QUESTIONÁRIO DE COMUNICAÇÃO EM EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA: versão adolescentes: estudo de validação com jovens portugueses. **Saúde Reprodutiva: Sexualidade e Sociedade**, v. 5, p.21-32, 2014.

COSTA, E.S.A. **Percepção de alunos da educação básica sobre sexualidade**. 2010. 14 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ensino de Ciências Naturais e Matemática, Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, Rio Grande do Norte, 2010.

FERREIRA, E.A. *et al.* Sexualidade na Percepção de Adolescentes Estudantes da Rede Pública de Ensino de Macapá. **Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online**, v. 11, n. 5, p. 1208-1212, 2019.

FIGUEIRÓ, M. N. D. (Org.). Homossexualidade e educação sexual: construindo o respeito à diversidade. Londrina: UEL, 2007.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação sexual: como ensinar no espaço escolar**. In: FIGUEIRÓ, M. N. D. (Org.). **Educação sexual: múltiplos temas, compromissos comuns**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2009. p.141-171.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Educação sexual: retomando uma proposta, um desafio**. 3. ed. Londrina: Edue, 2010.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Educação sexual no dia a dia**. Londrina. Edue, 2013.

FONSECA, A.D; GOMES, V.L.O; TEIXEIRA, K . Percepção de adolescentes sobre uma ação educativa em orientação sexual realizada por acadêmicos(as) de enfermagem. **Escola Anna Nery**, v. 14, 2010.

FURLANI, Jimena. Educação sexual: possibilidades didáticas. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Rio de Janeiro: Vozes, 2011 a.p. 66-81.

GAVA, T.; VILLELA, W.V. Educação em Sexualidade: desafios políticos e práticos para a escola. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, n. 24, p. 157-171, 2016.

IBGE. Pesquisa nacional de saúde do escolar : 2015 / IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. – Rio de Janeiro : IBGE, 2016.132 p.

JARDIM, D.P.; BRÊTAS, J.R.S. Orientação sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira - SP. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 56, n. 2, p. 157-162, 2006.

NARDI, H. C. O estatuto da diversidade sexual nas políticas de educação no Brasil e na França: a comparação como ferramenta de desnaturalização do cotidiano de pesquisa. **Psicologia & Sociedade**, v. 20, n. especial, p. 12-23, 2008.

PAIVA, V. et al. Grupo de Estudos em População, Sexualidade e AIDS. Age and condom use at first sexual intercourse of Brazilian adolescents. **Revista de Saude Publica**, v. 42, Suppl1:45-53, 2008.

QUARTIERO, E. Educando para a diversidade: desafiando a moral sexual e construindo estratégias de combate à discriminação no cotidiano na escola. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, n. 11, p. 59-87, 2012.

QUIRINO, G.S; ROCHA, J. B.T. R. Sexualidade e educação sexual na percepção docente. **Educar em revista**, n. 43, p. 12-28, 2012.

SARMENTO, S.S. et al. Estratégias metodológicas nas abordagens sobre IST no ensino fundamental. **REVASF**, v. 8, n. 7, p. 83-99, 2018.

SAVEGNAGO, S.D.O; ARPINI, D.M. Conversando sobre sexualidade na família: olhares de meninas de grupos populares. **Cadernos de Pesquisa**, v.43, n.150, p.924-94, 2013.

SFAIR, S. C.; BITTAR, M.; LOPES, R. E. Educação sexual para adolescentes e jovens: mapeando proposições oficiais. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 620-632, 2015.

SOUSA, L.B.; FERNANDES, J.F.P.; BARROSO, M.G.T. Sexualidade na adolescência: análise da influência de fatores presentes no contexto familiar. **Acta Paulista de Enfermagem**, v.19, n. 4, p. 408-13, 2006.

TAQUETTE, S. R. Direitos sexuais e reprodutivos na adolescência. **Adolescência e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 72-77, 2013.

TRINDADE, E.; BRUNS, M. A. T. **Adolescentes e paternidade, um estudo fenomenológico**. Ribeirão Preto: Holos, 1999.

VALIM, E.M.A.; DIAS, FA.; SIMON, CP.; ALMEIDA, DV.; RODRIGUES, M.L.P. Utilização de preservativo masculino entre adolescentes de escolas públicas na cidade de Uberaba (MG), Brasil: conhecimentos e atitudes. **Cadernos Saúde Coletiva**, v. 23, n. 1, p. 44-49, 2015.

ZOMPERO AF, ET al. A temática sexualidade nas propostas Curriculares no Brasil.

Revista Ciências & Ideias, v. 9, n. 1, p. 101-114, 2018.

ANEXOS

QUESTIONÁRIO AOS ALUNOS

1. Espero pelo melhor estado de humor dos meus professores para falar sobre assuntos relacionados com o tema da sexualidade
() SIM () NÃO
2. Espero que os meus professores estejam mais livres e disponíveis para falar sobre assuntos relacionados com o tema da sexualidade.
() SIM () NÃO
3. Comparo-me com os outros jovens da minha idade, quando quero explicar aos meus professores alguns dos meus comportamentos na relação amorosa.
() SIM () NÃO
4. Quando quero falar sobre sexualidade, posso contar com um professor.
() SIM () NÃO
5. Exponho as minhas dúvidas sobre sexualidade com os meus professores e meus pais
() SIM () NÃO
6. Falo abertamente com os meus professores sobre o tema da sexualidade.
() SIM () NÃO
7. Converso com os meus professores sobre as infeções sexualmente transmissíveis

☐ SIM ☐ NÃO

8. Sou capaz de pedir ajuda aos meus professores ou pais perante um problema relacionado com a minha vida sexual ou sexualidade.

☐ SIM ☐ NÃO

9. Falo sobre o uso do preservativo com os meus professores.

☐ SIM ☐ NÃO

10. Falo abertamente com meus pais a respeito à educação sexual e sexualidade.

☐ SIM ☐ NÃO

11. Tiro dúvidas em relação a meu corpo com meus pais (menstruação, masturbação)

☐ SIM ☐ NÃO

12. Compartilho minhas experiências sexuais com os meus pais

☐ SIM ☐ NÃO

13. Falo sobre gravidez com meus pais

☐ SIM ☐ NÃO

14. Falo sobre abuso sexual com meus pais e professores

☐ SIM ☐ NÃO

15. Em caso de sofrer um abuso sexual sinto-me confortável para contar para meus pais ou professor

☐ SIM ☐ NÃO

16. Falo sobre meios contraceptivos com meus pais

☐ SIM ☐ NÃO

17. Tenho total ciência e conhecimento sobre ISTs

☐ SIM ☐ NÃO

18. Uso preservativo em todas as minhas relações sexuais

☐ SIM ☐ NÃO

19. Concordo que a escola é um lugar propício para trabalhar sobre educação sexual

☐ SIM ☐ NÃO

20. A minha escola desenvolve assuntos, palestras, aulas, ou eventos em relação a educação sexual

☐ SIM ☐ NÃO

QUESTIONÁRIO AOS PROFESSORES

1. Concordo que a educação sexual nas escolas é muito importante para os jovens e adolescentes
() SIM () NÃO
2. Entendo que a educação sexual nas escolas motiva comportamentos sexuais precoces () SIM () NÃO
3. Concordo que a sexualidade vai se aprendendo ao longo do tempo e não na escola
() SIM () NÃO
4. Somente o professor de Biologia tem responsabilidade na educação sexual
() SIM () NÃO
5. A educação sexual deve ser uma das áreas obrigatórias em todas as escolas
() SIM () NÃO
6. As ações de educação sexual na escola são um meio muito eficaz na prevenção de ISTs (infecções sexualmente transmissíveis), gravidez precoce e abuso sexual () SIM () NÃO
7. Acredito que devem ser abordados na escola todos os assuntos relacionados a sexualidade () SIM () NÃO
8. É papel dos pais ensinarem sobre educação sexual e não somente da escola
() SIM () NÃO
9. Hoje em dia com toda informação que passa nas revistas e na televisão, a educação sexual na escola se torna pouco necessária
() SIM () NÃO
10. Todos os professores têm responsabilidades na educação sexual dos alunos
() SIM () NÃO

11. Tenho experiência curricular em educação sexual
() SIM () NÃO
12. Concorda que não é necessário se falar sobre aborto e masturbação em sala de aula, pois pode estimular os alunos a prática
() SIM () NÃO
13. Sinto-me inseguro (a) ao trabalhar todos os assuntos relacionados à temática em sala de aula () SIM () NÃO
14. Sinto-me mais seguro (a) em falar sobre anatomia e fisiologia do aparelho reprodutor () SIM () NÃO
15. Em relação aos métodos contraceptivos tenho total conhecimento e habilidade em explicar aos meus alunos
() SIM () NÃO
16. Já participei de alguma capacitação na escola ou fora da escola sobre educação sexual () SIM () NÃO
17. Quando algum aluno me procura para dúvidas ou opiniões estou sempre disposto a ouvi-lo e ajudá-lo de alguma forma
() SIM () NÃO
18. Sinto-me preparado para explicar sobre o uso correto de preservativos quando recebo essa dúvida vinda do aluno
() SIM () NÃO
19. Concordo que a escola é um lugar propício para trabalhar educação sexual
() SIM () NÃO
20. Eu como professor, desenvolvo palestras, debates, ou eventos em relação à educação sexual () SIM () NÃO

FACULDADE UNIÃO DE
GOYAZES



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: AVALIAÇÃO DA PERCEPÇÃO DE ALUNOS E PROFESSORES DE BIOLOGIA SOBRE A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE EDUCAÇÃO SEXUAL

Pesquisador: SUSY RICARDO LEMES PONTES

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 37055120.1.0000.9067

Instituição Proponente: Centro de Estudos Octávio Dias de Oliveira

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.350.894

Apresentação do Projeto:

Falar sobre sexualidade, tanto em âmbito escolar, quanto em qualquer outro meio sempre foi um tabu, sendo visto na maioria das vezes com uma visão pejorativa ou algo imoral, um assunto que não é para crianças nem adolescentes. Contudo este trabalho visa desmistificar esses tabus e analisar as percepções dos alunos e professores do Colégio Estadual Ary Ribeiro Valadão Filho na cidade de Inhumas - GO sobre educação sexual. Para avaliar a percepção dos alunos e professores de biologia serão utilizados questionários de caráter quantitativo para obtenção dos dados e exposição de resultados. As perguntas serão voltadas ao tema de educação sexual, todas elas serão objetivas, no intuito de invadir a vida pessoal dos participantes o mínimo possível. Este projeto poderá ser utilizado como trabalho a ser estudado pelos alunos e gestores da escola, dando total

Endereço: Rodovia GO 080, Km 19, nº 3184

Bairro: Setor Laguna Parque

UF: GO

Município: TRINDADE

CEP: 75.393-363

Telefone: (62)3508-9300

E-mail: cep@fug.edu.br

FACULDADE UNIÃO DE GOYAZES



Continuação do Parecer: 4.350.894

liberdade para os mesmos usufruí-lo para fins educativos para escola e sociedade local e até mesmo para o desenvolvimento de outros trabalhos.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Avaliar a perspectiva de alunos e professores sobre a importância do ensino de educação sexual.

Objetivo Secundário:

- Investigar se os professores de biologia se sentem capacitados para o ensino de educação sexual;
- Conhecer as dificuldades e habilidades apresentadas pelos professores de biologia quanto à abordagem da temática em sala de aula.
- Avaliar se os alunos compreendem a importância do ensino de educação sexual em casa e nas escolas;
- Avaliar se os alunos (adolescentes) sentem liberdade de conversar com os pais e professores sobre sexualidade;
- Investigar se os alunos se sentem seguros quanto ao conhecimento que possuem sobre sexualidade;

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

A coleta de dados será unicamente por meio de questionários online e pode apresentar riscos, mesmo que raros, de constrangimento por parte dos participantes. Tal situação poderá ser amenizada com a informação de que a identidade de cada um será mantida em total sigilo.

Benefícios:

Os participantes da pesquisa se beneficiarão em poder expressar sua opinião sobre a temática e a partir dos dados obtidos novas metodologias e estratégias poderão ser tomadas por parte dos gestores em educação visando ampliar os debates sobre o tema e transformar a percepção da importância do ensino de

Endereço: Rodovia GO 060, Km 19, nº 3184

Bairro: Setor Laguna Parque

UF: GO Município: TRINDADE

Telefone: (62)3508-9300

CEP: 75.393-363

E-mail: cep@fug.edu.br

FACULDADE UNIÃO DE GOYAZES



Continuação do Parecer: 4.350.894

educação

sexual entre pais e filhos e professores e alunos.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de um tema extremamente relevante.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram apresentados todos os termos de apresentação obrigatória.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Todas as pendências anteriores foram solucionadas.

Considerações Finais a critério do CEP:

Informamos que o Comitê de Ética em Pesquisa/CEP-FUG considera o presente protocolo APROVADO, o mesmo foi considerado em acordo com os princípios éticos vigentes. Reiteramos a importância deste Parecer Consubstanciado, e lembramos que o(a) pesquisador(a) responsável deverá encaminhar ao CEP-FUG o Relatório Final baseado na conclusão do estudo e na incidência de publicações decorrentes deste, de acordo com o disposto na Resolução CNS n. 466/12. O prazo para entrega do Relatório é de até 30 dias após o encerramento da pesquisa,

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1600842.pdf	14/09/2020 16:40:21		Aceito
Outros	Carta.docx	14/09/2020 16:26:49	SUSY RICARDO LEMES PONTES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	14/09/2020 16:25:48	SUSY RICARDO LEMES PONTES	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projetodetalhado.docx	14/09/2020 16:22:54	SUSY RICARDO LEMES PONTES	Aceito
Folha de Rosto	Doc1.docx	29/07/2020 14:54:55	Nayanne kelen Batista Tomé	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Endereço: Rodovia GO 080, Km 19, nº 3184

Bairro: Setor Laguna Parque

UF: GO

Município: TRINDADE

CEP: 75.393-363

Telefone: (62)3508-9300

E-mail: cep@fug.edu.br